

JAPIASSU, Hilton Ferreira

O MITO DA NEUTRALIDADE CIENTÍFICA

Rio, Imago Editora, 1 975. (Série Logoteca), 188 pags.

HILTON FERREIRA JAPIASSU é doutor em filosofia pela Universidade de Grenoble. Atualmente é professor de epistemologia e de filosofia das ciências na Universidade Católica do Rio de Janeiro, inclusive no Programa de Mestrado em Filosofia dessa Instituição.

A análise epistemológica do conhecimento científico que elabora neste livro adquire, a nosso ver, extrema significação porque, escapando da incoercível tendência da atual filosofia da ciência no Brasil, de restringir-se a um abstrato formalismo lingüístico, tendência esta oriunda da predominância, em nosso meio, dos modelos cientificistas e racionalistas clássicos e de seus atuais sucedâneos neopositivistas e estruturalistas, o autor concebe como própria da epistemologia também a tarefa de discutir os pressupostos e implicações axiológicas da ciência.

Com toda a seriedade e rigor racional da análise filosófica, ousa debater o mito da consciência objetiva atualmente considerada como a forma única e essencial das manifestações do espírito humano. O autor busca então [situar a ciência no contexto integral da existência humana,] não só do ponto de vista [positivo] — mostrando seu, válido lugar entre as demais atividades do espírito — mas também do ponto de vista negativo] — explicitando as ambivalências do conhecimento científico, suas implicações e compromissos irrecusáveis com a vida social e denunciando sua unidimensionalidade pretensiosa. Diante dos intrincados e complexos processos da vida sócio-cultural, diante da intrínseca e radical inserção do homem no mundo pré-humano e social, o processo do conhecimento científico não pode ter esta pretensiosa prerrogativa de neutralidade e de imparcialidade decorrentes de sua exclusiva adesão à objetividade empírico-formal.

Não se trata, de maneira alguma, de se desvalorizar a importância e a validade dos procedimentos experimentais e lógico-formais da ciência assim como a sua insubstituível contribuição para o desenvolvimento da sociedade humana, sobretudo através da tecnologia. Mas estes êxitos e contribuições centenárias do método científico não podem absolutamente redimir a ciência da sua pretensão à univocidade metafísica enquanto se toma

como manifestação unidimensional do espírito humano assim como de sua espúria aliança com a tecnocracia, sistema de poder social que está sufocando a própria possibilidade de uma existência condignamente humana.

Ciosa de sua pretensa neutralidade objetiva, afirmando categoricamente sua independência em relação a qualquer subjetividade que não seja aquela do puramente formal, a ciência se deixa levar pelas malhas da alienação, fornecendo à tecnocracia não apenas camufladas justificativas ideológicas, mas ainda o apoio de um aval fundado no culto e na fidelidade à própria racionalidade humana. Mas a realidade é totalmente outra: atentando bem para a maneira de funcionar da ciência, para o seu modo de explicar os fenômenos e de compreender o homem no mundo, perceberemos facilmente que as condições reais em que são produzidos os conhecimentos científicos estão banhadas por um inegável atmosfera sócio-político-cultural.

E é esse enquadramento sócio-histórico, fazendo da ciência um produto bem humano, nosso produto, que leva os conhecimentos objetivos e apelarem, quer queiram quer não, a pressupostos teóricos, filosóficos, ideológicos ou axiológicos nem sempre devidamente explicitados (pág. 10). Por isso, também no que diz respeito à ciência, "não há objetividade absoluta. Também o cientista jamais pode dizer-se neutro, a não ser por ingenuidade ou por uma concepção mítica do que seja a ciência" (pág. 11).

No caudal do progresso irresistível e irreversível do avanço do conhecimento científico, apoiado por tantos insígnies filósofos que praticam, implícitas ou explicitamente, um reducionismo total fundado quer seja na física, na biologia ou na lingüística, o problema epistemológico-axiológico das ciências humanas se põe ainda com maior gravidade.

E o professor Japiassu se propõe, numa série de capítulos, unidos por uma perspectiva comum de problematização e, até mesmo de polêmica, suscitar para a discussão e reflexão "uma problemática fundamental: a das relações entre a **ciência objetiva** e alguns de seus **pressupostos** isto é, entre a corrente de **racionalidade** que se exprime no movimento da industrialização e da planificação, e o dinamismo da natureza **ética**, em interação com a racionalização, embora autônomo em relação a ela" (pág. 16).

No cap. I, o autor coloca o problema da objetividade científica explicitando os principais pressupostos axiológicos presentes no processo de constituição e desenvolvimento das ciências humanas. Depois de criticar a tendência **metodologizante** de muitas abordagens epistemológicas, que se perdem em teias de tecnicismos formais e negligenciam as questões de conteúdo, o autor

afirma o caráter eminentemente crítico que a epistemologia deve assumir para a explicitação de todo tipo de pressupostos de cada disciplina, mediante a consideração da **processualidade epistemológica** de todas as ciências, de acordo com o que a ciência está sempre em vias de "fazer, em suas condições reais e concretas de realização, dentro de determinado contexto sócio-cultural" (pág. 26). Além disso, é da alçada da epistemologia mostrar que o objeto da ciência é realmente **construído** não como pensava o formalismo idealista mas pelos pontos de partida infundados e opções valorativas.

A própria natureza do problema epistemológico da **objetividade** científica levanta questão da **neutralidade** dos cientistas frente aos vários tipos de valoração e de engajamento pessoais (pág. 29). Em verdade, conclui o autor, depois de discutir as posições de Max Weber, Pietro Rossi e Ralf Dahrendorf, que a objetividade científica não existe: o que existe é uma objetivação, uma aproximação do objetivo, sendo irrealizável o projeto científico de uma objetividade absoluta (pág. 43), uma vez que não se pode eliminar a via de subjetividade; a decantada objetividade científica é, de fato, um valor de natureza ideológica, pois que não se funda nos objetos, que são necessariamente **construídos** pela ativa atuação da subjetividade. E "a racionalidade científica transforma-se em ideologia a partir do momento em que tenta impor-se como a única forma possível da racionalidade" (pág. 46).

Assim colocado o resultado da análise crítica da epistemologia, é possível notar então que as ciências humanas apresentam-se também como técnicas de intervenção na realidade, participando simultaneamente do descritivo e do normativo: daí, caracterizá-las o autor como **praxeologias**. Tal o objetivo do cap. II. Praxeologia é entendida como "o conjunto dos equipamentos técnico-metodológicos fornecidos sobretudo pelas ciências humanas, tendo em vista **intervir e transformar** os horizontes do **agir humano** e de seus comportamentos sociais" (pág. 51). De contemplativas e modelares as ciências se transformaram em operatórias e "à medida em que acediam à **era da positividade**, também ingressavam na **era praxeológica**" (pág. 53), superando, com sua emergência, a distinção entre o conhecimento teórico e o agir, o domínio prático, não havendo mais lugar para o primado da teoria sobre a práxis. Esta praxeologia arrastada também pelas revoluções industriais substitui a antiga ordem ético-política. Praxeológicas, as ciências humanas se desdobram em **técnicas de intervenção**, descrevendo e ditando normas para o comportamento humano. Sem abandonar seu quadro teórico, as ciências humanas passam a exercer verdadeiras funções sociais e culturais, ligadas a sua inevitável dependência de pressupostos ideológicos.

No cap. III, o autor aborda a questão dos “fundamentos epistemológicos do cientificismo”, visando a explicitar esse “fundo de saber, solo ou horizonte epistemológico sobre o qual se construiu historicamente a concepção segundo a qual a ciência passou a desempenhar o papel de “fórmula laplaceana”, no domínio do conhecimento das esperanças humanas (pág. 73). Fidelidade absoluta aos cânones ditados pela física e pelas matemáticas, submissão total aos critérios de uma verificação experimental, tais as exigências para a dignidade da ciência. Sem isto, as demais atividades humanas são desacreditadas como desprovidas de sentido. O cientificismo pretende, pois, submeter a totalidade dos valores à jurisdição da verdade científica, confundir a experiência humana em geral com a experiência humana em particular. Depois de apresentar a emergência histórica do cientificismo, o autor busca desmistificar estas descabidas pretensões, retomando suas implicações ideológicas no processo social contemporâneo e sua responsabilidade pela alienação da consciência histórica atual. Pretensa revolução global, é altamente anti-revolucionária; assume características de uma nova religião, ofuscando o prestígio de todas as outras religiões. Atitude espiritual, mentalidade universalmente difusa, iludindo com suas messiânicas promessas de salvação, o cientificismo transformou-se numa tirânica mitologia sagrada e irresistível.

No cap. IV, abordando a “ética do conhecimento objetivo”, a questão é retomada mostrando o autor que a ciência, embora se recuse a formular explicitamente normas para a sociedade, dada sua aspiração a ser supracultural, intervém cada vez mais na orientação efetiva da sociedade: influencia a moral embora, paradoxalmente, de um modo não-moral (pág. 97). Além de muito difícil, a ciência se divorcia de qualquer teoria de valores; não podendo fundar uma ética objetiva, funda-se numa ética não objetiva apesar da sempre defendida neutralidade axiológica, como se tivesse um estatuto transcendente à realidade social (pág. 105). Sua propalada ética, puramente interna, dispensaria uma deontologia mais radical que impusesse aos pesquisadores deveres para com a sociedade.

No cap. V, o autor debate a questão da “ciência da ciência”, ou seja, a pretensão de muitos pensadores de transformar a própria epistemologia numa disciplina científica também ela — e enfim — liberta de toda influência filosófica. Verdadeira metaciência, esta ciência da ciência é outra pretensão que recusa abordar criticamente os fundamentos do conhecimento humano e que, reativando a postura positivista, justifica ideologicamente os valores de uma sociedade tecnocrática, naturalista e consumista. Tal postura negligencia que apenas à filosofia cabe “abrir o espaço mental epistemológico, criando um

horizonte comum que se recusa a todo confinamento" e garantir, enquanto epistemologia de todas as epistemologias, que "as ciências guardem o sentido da obediência ao humano" (pág. 143).

No cap. VI, é colocado o problema da relação da ciência com a educação e seus desdobramentos pedagógicos. O autor critica a "rendição incondicional" das instituições educativas e, particularmente, das universidades aos imperativos ideológicos da ciência. Os educadores, como que sacerdotes desta nova religião, não duvidam mais de si próprios, porque, sendo cientistas, são grandes especialistas, protegidos de toda dúvida e de todo questionamento pelo uso de uma linguagem hermética e pelos exercícios ritualísticos de suas técnicas pedagógicas (pág. 149). Nesta situação, a educação tende a desprezar a relação subjetiva envolvida no compromisso pedagógico, uma vez que o interesse é o enquadramento das inteligências em vista apenas das normas econômicas ou profissionais. O autor constata então a ausência de uma filosofia da educação suficientemente crítica que pudesse trazer ao projeto pedagógico sua intencionalidade perdida.

Na conclusão, o professor Hilton Japiassu, sugere atitudes a serem assumidas no sentido de se exercer alguma influência sobre o rumo empreendido pela ciência. A primeira ação, direta, é "tentar dominar" os conhecimentos científicos e detectar suas ilusões; a outra, indireta, é convertermos de pedagogos capazes de formar aqueles que mudarão o mundo. "Para tanto, temos que nos transformar por dentro e, ao mesmo tempo, criar as condições exteriores, tornando possível uma transformação do mundo do saber. Este tipo de atividade constitui uma ruptura no encadeamento do determinismo histórico cego e merece a seguinte denominação: fazer a história" (pág. 165).

É difícil sintetizar numa resenha toda a riqueza das idéias expressas neste livro, tal a sua densidade, profundidade e seriedade. A problemática abordada pelo autor diz respeito à própria questão da sobrevivência da humanidade. Estamos diante de um vigoroso projeto antropológico, fundado numa radical sensibilidade ao valor fundamental de toda realidade e de toda ação: a pessoa humana. A validade do questionamento feito à ciência pelo autor não é apenas uma crítica a desvios técnicos de seu proceder mas a recolocação da questão fundamental da filosofia: o que é o homem e o qual o sentido de sua existência ?

Praticando o que ele mesmo defende teoricamente, o autor, neste texto, não se limita aos aspectos técnicos de uma árida filosofia da ciência tão em voga em nossos meios universitários e tão prestigiada pelas nossas editoras. Não se faz filosofia da ciência, nem epistemologia em moldes

científicos: só uma antropologia personalista e comunitária com sua decorrente axiologia pode fundar qualquer projeto epistemológico.

Inebriados pela idolatria ritualística para com a onipotente e onisciente ciência, alienados de suas conseqüências econômicas, sociais e culturais, solidificadas na desvairada tecnocracia, os homens estão perdendo toda a sensibilidade aos autênticos significados de sua existência, agradecidos ainda da libertação das trevas que a ciência apregoa ter-lhes trazido.

Por isso, não se pode deixar de recomendar e de desejar a leitura atenta e meditada deste livro. A reflexão que ele provoca atinge o âmago da problemática fundamental do homem contemporâneo. Ela é a própria reflexão filosófica em ato: é o exercício autêntico da contribuição da filosofia para a compreensão da realidade do homem, da sociedade, da educação, da cultura e da história. Apesar da radicalidade da crítica, o autor polemiza sem agredir, propõe um diálogo sério com todos os cientistas, educadores e estudantes brasileiros, na esperança de que a inteligência se recupere a tempo, retomando, com maior acerto, o nosso próprio projeto histórico, única maneira de dar a nossa contribuição à civilização universal.

Dr. Antônio Joaquim Severino